

Em busca das origens da alma humana



HENRI SAUSSE

Paulo Neto (org)

Em busca das origens da alma humana

Henri Sausse

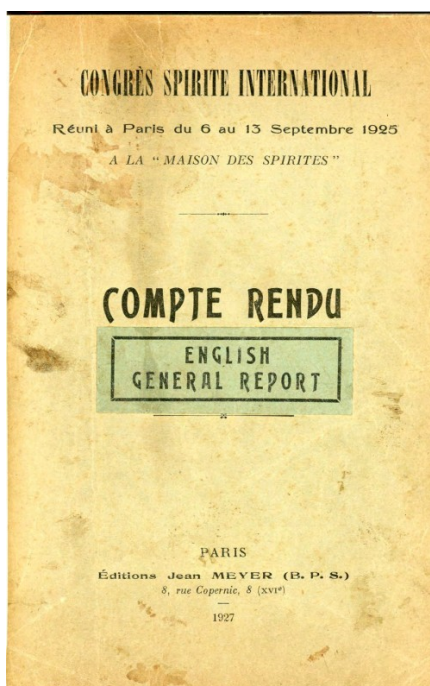
Paulo Neto (org)

Sumário

Apresentação.....	4
Em português.....	6
Em francês.....	41
Referência bibliográfica.....	78

Apresentação

O teor do presente ebook consta da seguinte obra publicada em 1927 por Jean Meyer:



No Congresso Espírita Internacional de setembro de 1925, promovido pela Federação Espírita Internacional, participaram **Léon Denis**, Presidente do Congresso, era membro honorário da

Federação e presidente honorário da União Espírita Francesa e **Gabriel Delanne**, Presidente do Comité de Organização do Congresso, era membro honorário da Federação e Presidente da União Espírita Francesa.

Em *Compte Rendu* (Relatório) contém os vários artigos apresentados no evento, entre eles este de autoria de Henri Sausse.

— 270 —	
	Spiritism and Mourning 81
	Spirist Flag 81
2nd Commission :	Influence of spiritualist teaching 81
4th Commission :	Spiritualist Union 82
	Education 82
	Relation to the child 82
	History 82
	Spiritist Propaganda 82
	Spiritist Memorial 82
	Esperanto 82
CONCLUSIONS OF CONGRESS : 83
Speech of M. Jean Meyer	84
Closing Speech of M. Louis Denis	85
Visit of a Congress-delegation to the dolmen of Allan Kardec	89
Eighth Day, Sunday, 13 September	91
	The world Press and the Spiritist Congress of 1925 91
PART II	
REPORTS OF COMMISSIONS :	
First Commission :	Publication of spiritualist dictionary 97
2nd —	Control over mediums 98
3rd —	Healing mediumship 98
4th —	Work concerning the spiritist 99
5th —	Force at work in spiritualist phenomena 99
Report of M ^{me} Apollonia :	Most striking phenomena obtained in the Apollonia group of Bordeaux 100
— M. Batta's Society possible re-visit of Marcellin	103
— M. Cosinack's Account of his pathic and prophetic dreams	104
— M. Goussier's Account of phenomena of levitation of table	109
— M. C. Dubaux's Half a century of experience	113
— M ^{me} Delrieux's Human evolutions	123
— M ^{me} Duval's Action of prayer on experimental sciences. — Constitution of groups, their mode of energy and benevolence	134
— M ^{me} Gallehon's Communication on the subject of her book : Correspondence across the veil of death	134
Investigator's Rules to be observed in formation of groups	135
— M. Lancelin's Proceeding for the exploration of study	150
— — — — — Can the human being help a disoriented spirit	150
— M. Marty's An attempt to determine the nature of the force manifested in various spiritual phenomena used in its mode of action	158
— M. Michaux's Generalities about experimentation. Magnetic action of a distance. Cardiac action with or without contact. Electro-perception, electro-psycho-metry, biometry, precog, organization of groups	177
— M. Montesson's The spiritualism one work to be published in possible of the facts of all kinds and documents supporting the existence of the perispirit or astral body, their efficiency evidence of the faculties which are the key to all spiritual phenomena	179
— M. Paucot's Communications relating to a case of telepathy of son	181
— — — — — Communication B. — Methodical and multiple observations on conscious nature, which demonstrate survival	183
— Miss Powry's Experiments — operations resumed in mediumistic sleep	184
— Dr. Vignier's Study of human fluid. — Case of liability daily observed. — Control of individualisation	188
2nd Commission :
Report of M. H. Sausse :	Origin of the human soul 192
— M. Halbach's Concerning the relative preponderance of psychical support in the production of spiritist phenomena of an intelligent character	200
— M. Buzano's Le rapport psychique	206
— M. Guymont-Dupréat's Spiritualists ! here it is the road	208

A 1ª Assembleia Geral da Federação Espírita Internacional ocorreu em 7 de setembro de 1925.

Em português

Segunda comissão

Relator: Sr. GERTSCH

Esta Comissão incluiu os temas: *Doutrina e Teoria*. Ela teve que estudar os seguintes relatórios:

HENRI SAUSSE:

EM BUSCA DAS ORIGENS DA ALMA HUMANA

Agrupamento interessante dos escritos de Allan Kardec.

Em várias ocasiões, o Mestre e os espíritos que o inspiram declaram claramente que a origem da alma lhes é desconhecida; o que deixa toda a liberdade para os pesquisadores apresentarem hipóteses. Aquilo que faz passar a alma pela linhagem animal pode ser justificado; 1º pela analogia entre o princípio inteligente dos animais e o do homem (animais pensantes, cavalos de Elberfeld,

cachorro Rolf, etc.); 2º pelas aparições póstumas e materializadas de animais, o que prova que também possuem um perispírito e uma sobrevivência individual; 3 ° A antropologia prova-nos que existe uma continuidade entre as formas superiores da vida animal e as dos primeiros homens do período quaternário.

Uma leitura cuidadosa das citações de Allan Kardec prova que ele não se opunha à hipótese da passagem da alma pelos reinos inferiores.

A comissão considera que não é pela discussão de textos que esta questão pode ser resolvida, mas pelo estudo dos fatos que os cientistas nos fazem conhecer, e a possibilidade de a alma humana ter evoluído gradualmente é consistente com a grande lei de evolução observada em todo o universo, e está perfeitamente reconciliada com a bondade e justiça de Deus, que não pode ser infligida nos seres inferiores pelo sofrimento sem compensação.

Na última edição de agosto do jornal *La Vie d'Outre-Tombe*, e com este título:

“Como são criadas as lendas”, protestei contra

a afirmação do nosso amigo G. Delanne que afirma, página 74 do seu último livro:

“A hipótese da passagem da alma na série animal é aceita por Allan Kardec. Não há diferença absoluta entre a alma animal e a nossa.”

Essas afirmações são tanto mais lamentáveis quanto estão em contradição formal com os ensinamentos de Allan Kardec, e que, em decorrência de sua situação como Presidente da Federação Espírita Internacional, da autoridade que lhe foi concedida, goste ou não, ele leva a Doutrina Espírita de uma forma falsa, e que ele não foi mandado para isso.

No artigo citado acima, refutei com evidências peremptórias e irrefutáveis esta primeira afirmação: a hipótese da passagem da alma na série animal é aceita por Allan Kardec. Tendo já demonstrado a falácia desta afirmação, não irei voltar a ela; a demonstração desse erro sendo feita.

Para perceber o valor desta outra afirmação: “Não há diferença absoluta entre a alma animal e a nossa”, vamos fazer algumas novas pesquisas.

Para ter a exata opinião de Mestre Allan Kardec sobre este assunto, farei quanto à primeira proposição, ou seja, buscar em suas obras todas as passagens que tocam neste assunto.

Mas, primeiro, permita-me dar uma rápida olhada em outra obra prefaciada por Sr. G. Delanne e na qual observo a seguinte passagem (1).

O elo entre a fera e o homem parece ser o selvagem ou o próprio camponês retrógrado que, mesmo em seu rosto, carrega a mancha da animalidade.

Se essa proposição fosse aceita, eu pediria um favor às matronas que fazem de seus pequenos agressivos, tanto mais insuportáveis entre eles quanto são mais cuidados, mais mimados.

Seria justo se suas avós, que os colocam em nichos de cetim acolchoado e erguem mausoléus para seu último sono, também tivessem o favor de receber essas almas recém-nascidas para lançá-las à imortalidade.

1 Aqueles que ele não deixou, página 47.

Lembro que um dia, meu querido Léon Denis, você me pediu para buscar identificar a partir da obra de Allan Kardec qual era o pensamento deste amado e respeitado Mestre sobre o tema das origens da alma humana, e *ele admite que passa diretamente e sem transição do animal para o homem.*

Muito feliz por aprender fazendo essas pesquisas, e ao mesmo tempo ser útil na defesa da Doutrina e na instrução de seus seguidores, acabo de me engajar em pesquisas que talvez nos deem a solução que desejamos, é o resultado imparcial que entrego para ser apreciado. Trago para vocês os materiais necessários para este estudo; as consequências surgirão por si mesmas e estabelecerão as convicções que devemos adotar sobre este ponto.

Em *La Revue Spirite* de junho de 1914, já tive oportunidade de tratar dessa afirmação para rejeitá-la, pois essa visão é, a meu ver, um equívoco do ponto de vista espiritualista; veio de outra escola e se infiltrou em nossa casa, sem que percebêssemos, como tantas outras contra as quais já é hora de

reagir.

Para estabelecer a validade de minha opinião, terei que fazer muitas citações das várias obras de Allan Kardec. Eu teria sido ainda mais favorável à teoria do transformismo, pois havia obtido, no Finet Group, em novembro de 1869, a seguinte comunicação:

Adeus, pedra, você será uma flor;
Adeus, flor, você será uma pomba;
Adeus, pomba, você será mulher;
E você, mulher, se torne um anjo.

Se não persisti nesse ponto de vista, é para me reunir ao conselho de Allan Kardec, e ao conselho dos Guias que inspiram os princípios da Doutrina, aos quais deixo a palavra.

Encontro em *La Revue Spirite*, ano 1860, página 87, o relato de uma sessão de evocação para o estudo da alma humana.

“Se desejar, enviar-lhe-emos uma pergunta preparada para o Sr. Vignal, e rogamos-lhe que responda individualmente: Como vê, agora, a

diferença do Espírito dos animais e o do homem?

Resposta de Sr. Vignal: “Não é mais fácil para mim fazê-lo do que em estado de vigília; meu pensamento atual é que o espírito animal está dormindo, está moralmente entorpecido, e nos humanos, em seus estágios iniciais, ele desperta dolorosamente”.

Resposta de Sr. Cauvière: “O Espírito do homem é chamado a uma perfeição maior do que o dos animais; a diferença é perceptível, porque neste último ainda existe apenas no estado de instinto; depois, esse instinto pode ser aperfeiçoado”.

"65". Ele pode se aperfeiçoar a ponto de se tornar um Espírito humano?

Resposta: *“Ele pode, mas depois de passar muitas vidas de animais, seja no planeta terrestre ou em outros.”*

No mesmo ano de 1860, página 208, uma série de comunicações de um Espírito que assina Charlet. Eles se relacionam com o estado de progresso dos animais em nosso planeta e em outros lugares.

Ele se perde em detalhes invariáveis; ao pedido de explicações que lhe é dirigido sobre as suas declarações, responde, fl. 218, § 5º: “Nada mais tenho a acrescentar do que isto. Os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas com eles o progresso é realizado pela educação que recebem do homem e não por si mesmos, o animal abandonado na selva retoma o controle, tipo que ele tinha quando deixou as mãos do Criador; sujeito ao homem, ele pode melhorar a si mesmo, isso é tudo.”

“16. O que acontece com o princípio inteligente dos animais mortos?

Resposta: Ele retorna à massa de onde cada novo animal atrai a inteligência de que necessita. Ora, isso é precisamente o que distingue o homem dos animais, é que nele o Espírito se individualiza e é progressivo por si, e é também o que lhe dá superioridade sobre todos os animais. É por isso que o homem, por mais selvagem que seja, como você observou, faz até os animais mais inteligentes obedecerem.”

Pag. 219. – Resposta: “Só posso aprová-los, fui pintor e não letrado, nem erudito, por isso me

entrego de vez em quando ao prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo aos à custas da verdade; mas o que você diz é muito correto e bem inspirado. Nas pinturas que desenhei, bordei certas ideias recebidas para não ofender nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras eras foram eras de ferro, muito distantes desses chamados doces. A civilização por descobrir todos os dias os tesouros acumulados pela bondade de Deus, tanto no espaço como na terra, faz com que o homem conquiste a verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregou todo vestido a rigor às mãos de homens, seus filhos, que deveriam descobri-lo por sua própria inteligência”.

“A respeito das comunicações de Charlet, que não reproduzo aqui, achando-as muito fantasiosas, Allan Kardec dá às páginas 220 a 224 um ensinamento muito importante sobre Espíritos que falam de tudo, especialmente do que ignoram e sobre o que bordam teorias, sistemas que eles procuram imprimir como novas revelações, enquanto a verborragia é apenas o produto de sua

imaginação.”

Em *La Revue Spirite*, ano 1865, página 272, sobre as alucinações de um cachorro louco, Allan Kardec diz: “É certo que o cachorro está despertando; às vezes é visto durante o sono fazendo movimentos que simulam corrida; gemer ou mostrar contentamento. Seu pensamento, livre e independente do próprio instinto, o que ele faz, o que ele vê, o que ele pensa em seus sonhos? Isso é o que, infelizmente, ele não pode nos dizer, mas ele faz”.

Permita-me apontar dois fatos pessoais aqui. Quando eu tinha seis anos, fui mandado para o campo para morar com minha avó, que morava sozinha com meu avô, um grande caçador diante do Senhor, que tinha um cachorro que ele amava e acariciava muito; na minha chegada as carícias mudaram de direção e vieram até mim; o cachorro mostrou tédio e rosnava, a avó o repreendia e me colocou de joelhos; um momento depois, o cachorro estava sonhando ou fingindo estar dormindo, não posso especificar, mas o que eu entendo bem é que ele me deu uma mordida que furou minha bota e lhe

rendeu uma boa correção, o que não nos impediu depois de tornarmo-nos bons amigos.

Mais tarde, ao voltar do regimento, fui presenteado com dois soberbos canários holandeses hupés; eles cantaram deliciosamente; numa manhã, vi um ovo na gaiola deles, no dia seguinte coloquei um ninho para eles. Poucos dias depois, em vez de sair da gaiola como costumavam ser domesticadas, a fêmea ficava constantemente no ninho e o macho a bicava com grande preocupação. Uma manhã eu a encontrei morta. Limpei a gaiola do pobre canário que ia ficar sozinho, ele estava muito inquieto e febril e procurava por toda parte a sua companheira.

Na manhã seguinte, sem ouvir nem cantar nem se mexer, vim ver o que ele estava fazendo... ele estava deitado de costas no comedouro da gaiola, tinha sangue no bico e na pata esquerda; à direita ele tinha um pedaço de esôfago que ele havia arrancado com sua garra. Ele morreu... morreu de amor, morreu de desespero, morreu de suicídio, não tendo desejado viver mais que sua companheira. Eu nunca quis outros.

Até agora, pouco foi ocupado ao princípio

inteligente dos animais, e menos ainda à sua afinidade com a espécie humana, exceto do ponto de vista do organismo material apenas.

Hoje, estamos tentando reconciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus, mas somente sistemas que são mais ou menos lógicos e que nem sempre concordam com os fatos foram feitos sobre este assunto. Se a questão ficou indecisa por tanto tempo, foi porque não tínhamos, como tantas outras, os elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave a tantos problemas mal compreendidos, mal observados ou esquecidos, não pode deixar de facilitar a solução deste grave problema ao qual não temos dado toda a atenção que merece, porque é uma solução de continuidade nos anéis que conectar todos os seres, e na totalidade harmoniosa da criação.

Pág. 273. - À medida que o homem avança no conhecimento do seu estado espiritual, a sua atenção é evitada por todas as questões que lhe estão ligadas dos prados ou do leão; ele entende melhor as analogias e as diferenças; ele tenta explicar a si mesmo o que vê; ele tira conclusões, ele

tenta hipóteses que por sua vez são contraditas ou confirmadas por novas observações. Assim, pelo esforço de sua própria inteligência, ele gradualmente se aproximou do objetivo. Nisto, como todas as coisas, os Espíritos não vêm para nos libertar do trabalho da investigação, porque o homem deve fazer uso das suas faculdades: ajudam-no, dirigem-no e isso já é muito, mas não lhe dão a ciência pronta. Quando ele está a caminho da verdade, é então que eles passam a reverenciá-lo abertamente para silenciar as incertezas e destruir os falsos sistemas, mas, nesse ínterim, seu Espírito se preparou para entendê-lo melhor. E para o aceitar, quando se mostra, não surpreende; ela já estava no fundo de sua mente.

Pág. 274. - Outro motivo que motivou o adiamento da solução relativa aos animais. Essa questão toca em preconceitos há muito arraigados e que não seria sensato atacar de frente, razão pela qual os Espíritos não o fizeram. A questão se coloca hoje, é agitada em diversos pontos, mesmo fora do espiritualismo; nele participam os encarnados, cada um segundo suas ideias pessoais; essas várias

teorias são discutidas, examinadas, uma infinidade de fatos, como, por exemplo, aquele que é objeto deste artigo, e que teria passado despercebido, hoje chama a atenção pelos estudos preliminares que fizemos; sem adotar esta ou aquela opinião, familiariza-se com a ideia de um ponto de contato entre o animal e o homem, e quando a solução final vier, em qualquer sentido que ocorra, terá que ser baseada em argumentos peremptórios que irão e não deixem espaço para dúvidas; se a ideia for verdadeira, terá sido antecipada; se estiver errado, então algo mais lógico foi encontrado para colocá-lo em seu lugar.

Em seguida, vem uma comunicação sobre a visão espiritual dos animais. Termina da seguinte maneira; “Por fim, a visão espiritual que obviamente lhes é comum, embora em graus muito diversos, também vem reduzir a distância que parecia colocar entre eles uma barreira inquebrável. *Porém, não conclua nada disso de maneira absoluta ainda, mas observe os fatos cuidadosamente, pois somente desta observação um dia surgirá para você a verdade.*”

Nota: “Este conselho é muito sábio, porque é obviamente apenas nos fatos que se pode basear uma teoria sólida; além disso, existem apenas opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplica e cujas consequências devem, mais cedo ou mais tarde, ser aceitas quando observadas. É este princípio que tem servido de base à doutrina espiritualista e é o que nos faz dizer que é uma ciência da dominação”.

A isso se limita tudo o que recolhi dos comentários sobre o assunto em questão. Nas obras de Allan Kardec a colheita foi mais abundante, os textos mais conclusivos.

Tomemos primeiro *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, página 15, nº 5: “A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos; sabemos apenas que eles são criados simples e ignorantes; isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para todos, pois Deus, em sua justiça, não poderia libertar alguns da obra que teria imposto a outros para alcançar a perfeição. Em princípio, eles estão em uma espécie de infância, sem vontade

própria e sem a consciência perfeita de sua existência”.

Na *Profissão de Fé Racional* publicada nas *Obras Póstumas* de Allan Kardec, página 34, nº 15, a afirmação acima é reproduzida literalmente, a seguir lemos no nº 16: “À medida que o Espírito cresce. Longe do ponto de partida, as ideias se desenvolvem nele, como na criança, e com as suas ideias, o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir tal e tal caminho para o seu avanço, que é um dos atributos do Espírito”.

Em *O que é Espiritismo*, lemos na página 157, nº 114: “Qual era o estado de espírito em sua origem? As almas são criadas simples e ignorantes, ou seja, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo. Em princípio, eles estão em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem uma consciência aperfeiçoada de sua existência. Aos poucos, o livre-arbítrio se desenvolve junto com as ideias.”

No *Livro dos Médiuns*, sobre a mediunidade nos animais, lemos, página 301: “Os homens estão sempre inclinados a exagerar tudo; alguns, quero

dizer materialistas, negam aos animais uma alma, e outros querem dar-lhes uma, por assim dizer, como a nossa. Por que você quer confundir o perfectível com o imperfeito? Não, não, esteja convencido, o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, se mover e falar em sua língua, não tem, por enquanto, nenhuma aptidão para se misturar, se unir, se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, em uma palavra, que anima o ser essencial, para ser perfectível, o homem este rei da criação. Ora, não é esta condição essencial de perfectibilidade que torna a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Nós vamos! Reconheçam, portanto, que não podemos assimilar ao homem, o único perfectível em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo das raças que vivem na terra.”

Pág. 303. - “Deste progresso constante, invencível e irrefutável da espécie humana, conclua comigo que se há princípios comuns ao que vive e ao que se move na terra, respiração e matéria, não é menos verdade que só vós, Espíritos encarnados, estão sujeitos a esta inevitável lei do progresso, o que inevitavelmente te prova para a frente, sempre

para frente. Deus colocou os animais ao seu lado como auxiliares para alimentá-lo, vesti-lo e ajudá-lo. Deu-lhes uma certa inteligência, porque para te ajudar tinham que te compreender, e proporcionou a sua inteligência aos serviços que te são chamados a prestar; mas em sua sabedoria ele não queria que eles estivessem sujeitos à lei do progresso; como foram criados, assim eles permaneceram e permanecerão apenas até o final de suas raças.”

É o Espírito Erasto que se expressa desta forma, e sua resposta absolutamente categórica não deixa dúvidas: ele rejeita a paridade que se gostaria de estabelecer entre a alma humana e a dos animais.

Mas vamos continuar nossa pesquisa e abrir *A Gênese*, a última obra publicada, revisada e corrigida por Allan Kardec; ela deve nos dar o último pensamento do Mestre sobre a alma humana.

Página 230, n.º 14: “O corpo é, portanto, apenas um invólucro destinado a receber o Espírito; portanto, não importa sua origem e os materiais de que é feito. Quer o corpo do homem seja uma criação especial ou não, não deixa de ser formado

pelos mesmos elementos que o dos animais, animado pelo mesmo princípio vital, ou seja, acorrentado pelo mesmo fogo, visto que é iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas necessidades: este é um ponto sobre o qual não há disputa.

“Considerando apenas a matéria e desprezando o Espírito, o *homem, portanto, nada tem que o distinga do animal; mas tudo muda de aspecto se fizermos uma distinção entre a habitação e o habitante.*”

Página 231, n. 15: “Pela semelhança das formas exteriores que existem entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que a primeira é apenas uma transformação da segunda. Não há como rir disso, sem que a dignidade humana tenha de sofrer por isso. Os corpos dos macacos bem poderiam ter servido de vestimenta aos primeiros espíritos humanos, necessariamente subdesenvolvidos, que vieram encarnar na terra; essas roupas eram mais adequadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de uma vestimenta

especial ser desfeita para o Espírito, ele terá encontrado uma já feita. Ele pôde, portanto, vestir-se com a pele do macaco sem deixar de ser Espírito humano. Como o homem se veste com a pele de certos animais sem deixar de ser homem *entende-se que se trata apenas de uma hipótese que não é de forma alguma posta como princípio, mas dada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito que é o ser principal e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica paridade entre seu Espírito e o do Macaco.*”

Nº 16: “Admitindo esta hipótese, podemos dizer que, sob a influência e pelo efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o envelope mudou, embelezado nos detalhes, enquanto conversava sobre a forma geral do todo. Os corpos melhorados pela procriação se reproduziam nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas; eles deram origem a uma nova espécie, que gradualmente se afastou do tipo primitivo à medida que o Espírito progredia. O espírito do macaco, que não foi exterminado, continuou a

procriar corpos de macacos para uso, como a fruta humana criou corpos humanos variando desde o primeiro molde em que foi estabelecida. A fonte se ramificou; ela produziu uma prole e essa prole tornou-se uma estirpe.”

Como não há transição abrupta na natureza, é provável que os primeiros seres humanos que surgiram na Terra tenham diferido pouco do macaco na forma externa e, sem dúvida, também não muito na inteligência. Ainda hoje há selvagens que pelo comprimento dos braços e dos pés, pela conformação da cabeça têm tanto os passos de macaco que só precisam ser peludos para completar a semelhança”.

Pág. 236, nº 23: “Levando a humanidade ao seu ponto mais baixo da escala intelectual entre os selvagens mais atrasados, questiona-se se este é o ponto de partida da alma humana.

“Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualizados, o princípio inteligente, distinto do princípio material individualizado, é elaborado através dos vários graus de animalidade; é aí que a alma experimenta a vida e desenvolve suas

primeiras faculdades por meio do exercício. Chegado ao grau de desenvolvimento que este estado acarreta, ele recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria, portanto, filiação espiritual do animal para o homem, assim como há filiação corporal.

“Este sistema, fundado na grande lei que preside à criação, corresponde, deve-se admitir, à bondade do Criador; dá uma saída, uma meta, um destino aos animais que já não são seres deserdados, mas que encontram no futuro que lhes está reservado uma compensação pelos seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que foi dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto da raiz amarga da qual saiu. Por ter passado pelo caminho da vida animal (2), o homem não deixa de ser um homem; não seria mais animal do que o fruto é a raiz, do que o cientista é o feto informe com o qual

2 Na 7ª edição de A Gênese, página 236, leio: “No setor da humanidade”. Isso é um erro: você tem que ler; “No setor de saúde animal”. É assim, aliás, que traz na 1ª edição, página 231.

começou no mundo.

“Mas este sistema levanta muitas questões, cujos prós e contras não é apropriado discutir aqui, nem examinar as várias suposições que foram feitas sobre ele. Sem, portanto, buscar a origem da alma e os caminhos pelos quais ela deve ter passado, levamo-la desde a sua entrada na humanidade, até o ponto em que, dotada de sentido moral e de livre-arbítrio, passa a incorrer na responsabilidade de seus atos.”

Pág. 239, nº 29: “Quando a terra se encontrava em condições climáticas próprias para a existência da espécie humana, ali se encarnavam espíritos humanos.

De onde eles vieram? Quer esses Espíritos tenham sido criados naquela época, quer tenham vindo totalmente formados da terra, do espaço ou de outros mundos, sua presença por muito tempo é um fato, visto que antes deles não havia senão animais; vestiam-se com corpos adequados às suas necessidades físicas e que, fisiologicamente, pertenciam ao animal; sob sua influência e pelo exercício de suas faculdades, esses corpos foram

modificados e aperfeiçoados; isso é o que resulta da observação. Portanto, vamos deixar a questão de lado da origem ainda insolúvel no momento ⁽³⁾; tomemos o Espírito não em seu ponto de partida, mas naquele onde as primeiras sementes do livre-arbítrio e do senso moral se manifestam nele, o vemos cumprir seu papel humanitário, sem se preocupar com o meio em que passou seu período de infância ou, se preferir, incubação. Apesar da analogia do seu invólucro com o dos animais, com as faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, saberemos distingui-lo destes últimos, pois sob a mesma veste de bruto distinguimos o rude do homem civilizado”.

Em sua última obra, *A Gênese*, Allan Kardec apenas confirmou e acentuou a visão da Doutrina sobre o tema da origem dos Espíritos: Questão ainda insolúvel. Vejamos agora e em conclusão como tem sido tratado no *Livro dos Espíritos*, que deve ser o novo evangelho de todos os espíritas e regular, em tudo, seus sentimentos e sua conduta, visto que

3 Sublinho esta passagem tanto mais interessante quanto foi acrescentada ao texto da 1ª edição, página 234.

ninguém ainda o encontrou em falta; embora tenha sido publicado por mais de sessenta anos, ainda é o guia mais seguro e claro para o estudo dos ensinamentos da Doutrina; junto com o *Livro dos Médiuns*, era ditado e controlado pelos Altos Espíritos, que presidiam a eclosão do movimento espiritualista e dirigido desde o seu início, com tanta autoridade, o avanço da nossa filosofia.

Para chegar a uma solução sobre a origem das almas, vamos, portanto, abrir *O Livro dos Espíritos*, que em si é apenas uma emanção de Espíritos superiores, que vieram para nos revelar a Outra Vida.

Pág. 34, nº 78: “Os Espíritos tiveram princípio ou são como Deus desde a eternidade?”

“Se os Espíritos não tivessem princípio, seriam iguais a Deus. Enquanto são apenas sua criação e sujeitos à sua vontade, Deus é desde toda a eternidade, isso é inquestionável; mas quando e como criou, não sabemos. Posso dizer que saímos sem começar, se você quer dizer com que Deus sendo eterno, ele teve que criar implacavelmente; mas quando e como cada um de nós. *Estou lhe*

dizendo de novo, ninguém sabe, é aí que reside o mistério”.

Nº 81: “Os Espíritos se formam espontaneamente ou procedem uns dos outros? Deus os cria, como todas as outras criaturas, por sua vontade; *mas mais uma vez sua origem é um mistério”.*

Página 50: “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem ciência: deu a cada um deles uma missão para iluminá-los e fazê-los chegar progressivamente à perfeição pelo conhecimento da verdade e para conduzi-los mais perto dele. A felicidade eterna é para eles sem mistura, é para eles nesta perfeição”.

Página 96: A respeito da reencarnação é dito: “A antiguidade desta doutrina seria, portanto, mais uma prova do que uma objeção. No entanto, como também é conhecido; entre a metempsicose dos antigos e a doutrina da reencarnação há esta grande diferença que os *Espíritos rejeitam da maneira mais absoluta a transmigração do homem nos animais e vice-versa”.*

Chegamos à página 253. *Animais e o homem*, nº 592: “Se compararmos o homem e os animais com respeito à inteligência, a linha divisória parece difícil de estabelecer, pois alguns animais têm, a este respeito, uma notória superioridade sobre alguns homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

“Nesse ponto os filósofos dificilmente concordam; alguns querem que o homem seja um animal e outros que um animal seja um homem. Eles estão todos errados, o homem é um ser separado que às vezes afunda muito, ou pode subir muito alto. Fisicamente, o homem é como os animais, e menos bem provido do que muitos deles; a natureza deu-lhes o que o homem é obrigado a inventar com sua inteligência para suas necessidades e sua conservação; seu corpo está destruído como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito tem um destino que só ele pode entender, porque, sozinho, ele é totalmente livre. Pobres homens que se rebaixam abaixo do bruto, vocês não sabem como se distinguir? Reconhecer o homem pelo pensamento de Deus”.

Página 256, nº 597. “Visto que os animais têm uma inteligência que lhes dá certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?”

“Sim, e isso sobrevive ao corpo.”

“Este princípio é uma alma como a do homem?”

“É uma alma também, se você quiser, depende do significado que se atribui a esta palavra, mas é inferior ao do homem. Há tanta distância entre a alma dos animais e a do homem quanto entre a alma do homem e Deus.”

Nº 598: “A alma dos animais conserva sua individualidade após a morte e a consciência de si mesma?”

“Sua individualidade, sim, mas não sua autoconsciência. A vida inteligente permanece em um estado latente.”

Nº 599: “A alma dos animais tem a opção de reencarnar em um animal e não em outro?”

“Não, ela não tem livre-arbítrio.”

Nº 607: “Diz-se que a alma do homem, na sua origem, encontra-se no estado de infância na vida corporal, que a sua inteligência mal eclode e que ela se põe à prova para a vida; onde o Espírito realiza esta primeira fase?”

“Em uma série de existências que precedem o período que você chama de humanidade.”

“A alma, portanto, parece ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?”

“Não temos dito que tudo está ligado no caminhar da Natureza e tende para a unidade? É nesses seres que você está longe de saber que o princípio inteligente desenvolve-se, individualiza-se aos poucos e ensaia para a vida como já dissemos. É de certo modo um trabalho preparatório como o da geração, em decorrência do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período da humanidade e com ele a consciência do seu futuro, a distinção entre o bem e o mal, a responsabilidade pelos seus atos; como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e finalmente a meia-idade.”

“Além disso, não há nada nesta origem que deva humilhar o homem. Os grandes gênios são humilhados por terem sido fetos informes no ventre materno? Se algo deve humilhar o homem, é sua inferioridade perante Deus, sua incapacidade de compreender a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do universo”.

“Reconhecer a grandeza de Deus nesta admirável harmonia que faz com que tudo seja se encadeia na natureza. Acreditar que Deus poderia ter feito algo à toa e criado seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar de sua bondade que se estende a todas as criaturas”

“Este período da humanidade começa em nossa Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanidade começa, em geral, em mundos ainda inferiores: esta não é uma regra absoluta e pode acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, pudesse viver na terra, mas este caso não é frequente, seria uma exceção.”.

Livro dos Espíritos. Página 261, n.º 608. “O Espírito do homem, depois da morte, conhece as existências que o precederam ao período da humanidade?”

“Não, porque é só a partir deste período que começa para ele a sua vida como Espírito, e dificilmente se ele se lembrar das primeiras existências como homem, assim como o homem já não se lembra dos primeiros dias da sua infância e menos ainda do o tempo que ele passou no ventre de sua mãe. *Por isso os Espíritos lhe dizem que não sabem como começaram.*”

Se os Espíritos sérios e elevados não sabem como começaram, como os outros podem nos dizer com certeza? E quanto crédito podemos dar às suas reivindicações infundadas?

Para finalizar, aqui estão as reflexões feitas por Allan Kardec, fls. 263 e 264.

O ponto de partida do Espírito é uma daquelas questões básicas e é o segredo de Deus. Não é dado ao homem conhecê-los de maneira absoluta, e ele só pode fazer, a esse respeito, supor, construir sistemas

mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão muito longe de saber tudo; sobre o que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma sobre as relações que existem entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano antes de se desenvolver e se individualizar nos diferentes graus dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito do homem sempre pertenceu à raça humana, sem passar pelo setor animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar uma meta ao futuro dos animais, que formariam assim os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes; O segundo é mais adequado à dignidade humana e pode ser resumido da seguinte forma:

Páginas 263: “Do ponto de vista físico, obviamente forma um elo na cadeia dos seres vivos, mas do ponto de vista moral, entre o animal e o homem, há uma solução de continuidade; o homem possui por direito próprio a alma ou Espírito, uma centelha divina que dá sons morais e um alcance

intelectual que falta aos animais; está nele o ser principal preexistente e sobrevivente ao corpo, ao mesmo tempo que retém sua individualidade. Qual é a origem do Espírito? Onde está seu ponto de partida? Dele se forma a partir do princípio inteligente individualizado? ESTE É UM MISTÉRIO EM QUE SERIA INÚTIL PROCURAR PENETRAR E SOBRE O QUAL, COMO SE DISSE, SÓ PODEM SER CONSTRUÍDOS SISTEMAS.

Página 264: “O que é constante, e o que emerge tanto do raciocínio como da experiência, é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade progressiva, seu estado feliz ou infeliz em proporção ao seu avanço no caminho do bem e todas as verdades morais que são consequência deste princípio. Quanto à relação misteriosa que existe entre o homem e os animais, É, REPETIMOS, O SEGREDO DE DEUS, como muitas outras coisas cujo conhecimento atual não importa para o nosso avanço, e sobre o qual seria inútil nos alongarmos”.

Aqui está o mais imparcial possível tudo o que pude notar na obra de Allan Kardec sobre o assunto

das origens da alma. A meu ver, o pensamento que daí emerge é que não conhecemos o ponto de partida do Espírito humano e que existe entre ele e os animais uma solução de continuidade que a *anthropopithecus* (“homem-macaco” ou “macaco com características humanas”⁴) de Sr. Gabriel Mortillet não conseguiu preencher.

Deixemos esse princípio para a teosofia, e para nós espiritualistas, antes de acreditarmos na passagem direta dos animais para o homem, esperemos que alguma prova irrefutável seja fornecida. Existem estágios entre os dois que nos são desconhecidos e sobre os quais, como reitera Allan Kardec, só podemos construir sistemas mais ou menos fantasiosos; Ora, afirmar não é provar, e só deve ser em provas irrefutáveis que devemos basear nossas convicções.

Quanto às comunicações que nos trazem novas revelações a respeito da Doutrina e contradizem os ensinamentos de Allan Kardec e os

4 https://fr-m-wikipedia-org.translate.goog/wiki/Anthropopith%C3%A8que?_x_tr_sl=fr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=nui,sc

princípios do Espiritismo, acautelemo-nos da credulidade injustificada.

Antes da publicação de qualquer obra mediúcnica, seus autores agiriam sabiamente meditando, na *Revue Spirite* de 1860, página 220 e seguintes, sobre o conselho dado a esse respeito no artigo “Observação geral”. Eles também podiam meditar com frutos os sábios conselhos da *Revue Spirite*, ano 1863, páginas 75 e 158; eles encontrariam ali um guia seguro sobre o que nas comunicações pode ser público e o que não deve ser, sendo de interesse apenas do autor.

Para finalizar este estudo, tomemos emprestado novamente de Allan Kardec a seguinte passagem de (*Obras póstumas*. Página 396.

“Se é verdade que a utopia do dia anterior muitas vezes é a verdade do dia seguinte, deixemos para o dia seguinte a tarefa de realizar a utopia do dia anterior, mas não constranjamos a Doutrina de princípios que seriam quimeras e o fariam rejeitados por homens positivos.”

Em français

Deuxième Commission

RAPPORTEUR: M. GERTSCH

Cette Commission comprenait les thèmes: *Doctrines et Théorie*. Elle a eu à étudier les rapports suivants:

HENRI SAUSSE:

A LA RECHERCHE DES ORIGINES DE L'ÂME HUMAINE

Intéressant groupement des écrits d'Allan Kardec.

A plusieurs reprises, le Maître et les esprits qui l'inspirent déclarent nettement que l'origine de l'âme leur est inconnue; ce qui laisse toute latitude aux chercheurs pour imaginer des hypothèses. Celle qui fait passer l'âme à travers la filière animale peut se justifier; 1^o par l'analogie qui existe entre le principe intelligente des animaux et celui de l'homme (animaux pensants, chevaux d'Elberfeld, chien Rolf,

etc.); 2^o par les apparitions posthumes et matérialisées des animaux, ce qui prouve qu'ils ont aussi un périsprit et une survivance individuelle; 3^o l'anthropologie nous prouve qu'il y a une continuité entre les formes supérieures de l'animalité et celles des premiers hommes de l'époque quaternaire.

La lecture attentive des citations d'Allan Kardec prouve que celui-ci n'était pas opposé à l'hypothèse du passage de l'âme à travers les règnes inférieurs.

La commission estime que ce n'est pas par des discussions de textes que cette question peut être résolue, mais par l'étude des faits que les savants nous font connaître, et la possibilité pour l'âme humaine d'avoir évolué graduellement est conforme à la grande loi d'évolution constatée dans l'univers entier, et se concilie parfaitement avec la bonté e la justice de Dieu, que ne saurait infliger aux êtres inférieurs des souffrances sans compensation.

Dans le numéro d'août dernier du journal *La Vie d'Outre-Tombe*, et sous ce titre:

«Comment se créent les légendes», j'ai

protesté contre l'affirmation de notre ami G. Delanne qui prétend, page 74 de son dernier livre:

«L'hypothèse du passage de l'âme dans la série animale est admise par Allan Kardec. Il n'y a pas de différence absolue entre l'âme animale et la nôtre.»

Ces affirmations sont d'autant plus regrettables qu'elles sont en contradiction formelle avec les enseignements d'Allan Kardec, et que, par suite de sa situation de Président de l'Union Spirite Universelle, de l'autorité qu'on lui accorde, qu'il le veuille ou non il engage la Doctrine Spirite dans une voie fautive, et qu'il n'a pas été mandaté pour cela.

Dans l'article cité plus haut, j'ai réfuté par des preuves péremptoires et irrécusables cette première affirmation: l'hypothèse du passage de l'âme dans la série animale est admise par Allan Kardec. Ayant déjà démontré la fausseté de cette affirmation, je n'y reviendrai pas; la démonstration de cette erreur étant chose faite.

Pour nous rendre compte de la non-valeur de cette autre affirmation: «Il n'y a pas

p. 196

de différence absolue entre l'âme animale et la nôtre», faisons de nouvelles recherches.

Pour avoir l'opinion exacte du Maître Allan Kardec sur ce sujet, je vais faire comme pour la première proposition, c'est-à-dire rechercher dans ses oeuvres tous les passages qui touchent ce sujet.

Mais avant, qu'on me permette de jeter un coup d'oeil rapide sur un autre ouvrage préfacé par M. G. Delanne et sur lequel je relève le passage suivant (1).

Le trait d'union entre la bête et l'homme semble être le sauvage ou le paysan très rétrograde qui, même sur son visage, porte la trache de l'animalité.

Si cette proposition était admise, je demanderais une faveur pour les matrones qui font des dieux de leurs petits roquets, d'autant plus insupportables parmi eux qu'ils sont plus soignés,

plus dorlotés.

Ce serait justice que leurs mémères, qui les couchent dans des niches en satin capitonné et leur élèvent des mausolées pour leur dernier sommeil, aient aussi la faveur de recevoir ces âmes fraîchement écloses pour les lancer dans l'immortalité.

Il me souvient qu'un jour, mon cher Léon Denis, vous me demandiez de chercher à dégager de l'oeuvre d'Allan Kardec quelle fut la pensée de ce Maître aimé et respecté au sujet des origens de l'âme humaine, et s'il admet qu'elle passe directement e sans transition de l'animal à l'homme.

Trop heureux de s'instruire en faisant ces recherches, et en même temps d'être utile à la défense de la Doctrine et à l'instruction de ses adeptes, je viens de me livrer à des recherches qui nous donneront peut-être la solution que nous désirons, c'est leur résultat impartial que je livre à votre appréciation. Je vous apporte les matériaux nécessaires à cette étude; les conséquences surgiront d'elles-mêmes et établiront les convictions que nous devons adopter sur ce point.

Dans *La Revue Spirite* de juin 1914, j'ai déjà eu l'occasion de m'occuper de cette affirmation pour la rejeter, car cette manière de voir est, à mon avis, une erreur au point de vue spirite; elle nous est venue d'une autre école et s'est infiltrée chez nous, sans que nous y prenions garde, comme pas mal d'autres contre lesquelles il serait grand tems de réagir.

Pour établir le bien-fondé de mon opinion, j'étais obligé de faire bien des citations des différents ouvrages d'Allan Kardec. J'aurais été d'autant plus favorable à la théorie du transformisme, que j'avais obtenu, au Groupe Finet en novembre 1869, la communication suivante:

Adieu, pierre, tu seras fleur;

Adieu, fleur, tu seras colombe;

Adieu, colombe, tu seras femme;

Et toi, femme, deviens un ange.

Si je n'ai pas persisté dans cette manière de voir, c'est pour me rallier à l'avis d'Allan Kardec, et aux conseils des Guides inspireurs des principes de la Doctrine, auxquelles je laisse la parole.

Je trouve dans *La Revue Spirite*, année 1860, page 87, le compte rendu d'une séance d'évocation pour l'étude de l'âme humaine.

«Nous allons, si vous le voulez bien, vous adresser une question préparée pour M. Vignal, et nous vous prions de bien vouloir y répondre chacun de votre côté, Comment envisagez-vous, maintenant, la différence de l'Esprit des animaux et celui de l'homme?

Réponse de M. Vignal: «Il ne m'est pas plus facile de la faire qu'en état de veille; ma pensée actuelle est que l'Esprit animal dort, est engourdi moralement, et chez l'homme, à son début, il s'éveille péniblement».

Réponse de M. Cauvière: «L'Esprit de l'homme est appelé à une plus grande perfection que celui des animaux; la différence est sensible, par la raison que chez ces derniers il n'existe encore qu'à l'état d'instinct; plus tard, cet instinct peut se perfectionner».

«65». Peut-il se perfectionner au point de devenir un Esprit humain?

Réponse: *«Il le peut, mais après avoir passé para bien des existences d'animaux, soit dans la planète terrestre, soit dans d'autres».*

Dans la même anné 1860, page 208, une série de communications d'un Esprit qui

(1) Ceux qui nous quittent, page 47.

p. 197

signe: Charlet. Elles ont trait à l'état d'avancement des animaux sur notre planète et sur d'autres.

Il se perd dans détails invériaifiables; à la demande d'explications, qui lui est posée à propos de ses affirmations, il répond, page 218, § 5: «Je n'ai pas autre chose à ajouter que ceci. Les animaux ont toutes les facultés que j'ai indiquées, mais chez eux le progrès s'accomplit par l'éducation qu'ils raçoivent de l'homme et non par eux-mêmes, l'animal abandonné à l'état sauvage reprend le type qu'il avait au sortir des mains du Créateur; soumis à l'homme il peut se perfectionner, voilà tout.

«16». Que devient alors le principe intelliget deus animaux défunts?

Réponse: Il retourne à la masse où chaque nouvel animal puise la portion d'intelligence qui lui est nécessaire. Or, c'est là précisément ce qui distingue l'homme de l'animal, c'est qu'en lui l'Esprit est individualisé et progressif par lui-même, et c'est aussi ce qui lui donne la supériorité sur tous les animaux. Voilà pourquoi l'homme, même sauvage, comme vous l'avez fait remarquer, se fait obéir même des animaux les plus intelligentes».

Pag 219. - Réponse: «Je ne puis que les approuver, j'étais un peintre et non pas un littérateus, ni num savant, voilà pourquoi je me laisse aller de temps à autre au plaisir, nouveau pour moi, d'écrire de belles phrases, même aux dépens de la vérite; mais ce que vous dites là est très juste et bien inspiré. Dans le tableaux que j'ai tracé, j'ai brodé sur certaines idées reçues pour ne froisser aucune conviction. La vérité est que les premiers âges étaient des âges de fer, bien éloignés de ces prétendus douceurs; la civilisation en découvrant chaque jour des trésors accumulés par la

bonté de Dieu, dans l'espace aussi bien que sur la terre, fait conquérir à l'homme la véritable terre promise, celle que Dieu accordera à l'intelligence et au travail, et qu'il n'a pas livrée toute parée aux mains des hommes, ses enfants, qui avaient à la découvrir par leur propre intelligence».

«A propos des communications de Charlet, que je ne reproduis pas ici, les trouvant par trop fantaisistes, Allan Kardec donne pages 220 à 224 un enseignement très important au sujet des Esprits qui parlent de tout, surtout de ce qu'ils ignorent et sur quoi ils brodent des théories, des systèmes qu'ils cherchent à imposer comme de nouvelles révélations, alors que leur verbiage n'est que le produit de leur imagination.»

Dans *La Revue Spirite*, année 1865, page 272, à propos des hallucinations d'un chien enragé, Allan Kardec dit: «Il est certain que le chien rêve; on le voit parfois pendant le sommeil faire des mouvements qui simulent la course; gémir ou manifester du contentement. Sa pensée, libre et indépendante de l'instinct proprement dit, que fait-il, que voit-il, à quoi pense-t-il dans ses rêves? C'est ce que,

malheureusement, il ne peut nous dire, mais le fai es là».

Qu'on me permette de signaler ici deux faits personnels. A l'âge de six ans, je fus envoyé à la campagne chez ma grand'mère, qui vivait seule avec mon grand-père, qui, grande chasseur devant l'Éternel, avait un chien qu'il aimait et caressait beaucoup; à mon arrivée les caresse changèrent de direction e vinrent à moi; le chien montra de l'ennui et des grognementes, grand'mère le gronda et me mit sur seus genoux; um moment après, le chien rêvait ou faisait semblant de dormir, je ne puis le préciser, mais ce dont je me soiuviens bien c'est qu'il me donna um coup de dent qui perfora ma bottine et lui valut une bonne correction, ce qui ne nous empêcha pas par la suite de devanir bons amis.

Plus tard, à mon retour du régiment, on me fit cadeau de deux superbes canaris Hollondais hupés; ils chantaient à ravir; um matin, j'apreçus um œuf dans leur cage, le lendamain je leur mis un nid. Quelques jours après, au lieu de sortir de la cage comme ils en avaient l'habitude étant apprivoisés, la femelle restaint constamment sur son nid et le mâle

lui donnait la becquée avec une grande sollicitude. Un matin je la trouvai morte. Je nettoyai la cage pour le pauvre petit canari qui allait rester seul, il était très agité fébrile et cherchait partout sa compagne.

Le lendemain matin, ne l'entendant ni chanter ni bouger, je vins voir ce qu'il faisait... il était étendu tout au long sur la mangeoire de la cage, il avait du sang au bec et à la patte gauche; à la droite il avait un morceau d'oesophage qu'il avait arraché avec sa griffe. Il était mort... mort d'amour, mort de désespoir, mort par un suicide, n'ayant pas voulu survivre à sa compagne. Je n'en ai jamais voulu d'autres.

Jusqu'à présent, on s'est peu occupé du principe intelligent des animaux et encore moins de leur affinité avec l'espèce humaine, si ce n'est au point de vue exclusif de l'organisme matériel.

Aujourd'hui, on cherche à concilier leur état et leur destinée avec la justice de Dieu,

p. 198.

mais il n'a été fait à ce sujet que des systèmes plus ou moins logiques et qui ne sont pas toujours d'accord avec les faits. Si la question est restée si longtemps indécise, c'est qu'on manquait, comme pour beaucoup d'autres, des éléments nécessaires pour la comprendre. Le Spiritisme, qui donne la clef de tant de problèmes incompris, mal observés ou passés inaperçus, ne peut manquer de faciliter la solution de ce grave problème auquel on n'a pas accordé toute l'attention qu'il mérite, car c'est une solution de continuité dans les anneaux qui relient tous les êtres, et dans l'ensemble harmonieux de la création.

Page 273. - A mesure que l'homme avance dans la connaissance de son état spirituel, son attention est éveillée par toutes les questions qui s'y rattachent de près ou de loin; il saisit mieux les analogies et les différences; il cherche à s'expliquer ce qu'il voit; il tire des conséquences, il essaye des hypothèses tour à tour démenties ou confirmées par de nouvelles observations. C'est ainsi que par l'effort de sa propre intelligence il approche peu à peu du but. En cela, comme en toutes choses, les

Esprits ne viennent pas nous affranchir du travail des recherches, parce que l'homme doit faire usage de ses facultés: ils l'aident, le dirigent et c'est déjà beaucoup, mais ils ne lui donnent pas la science toute faite. Quand une fois il est sur la voie de la vérité, c'est alors qu'ils viennent la lui révéler carrément pour faire taire les incertitudes et anéantir les faux systèmes, mais, en attendant, son Esprit s'est préparé à la mieux comprendre et à l'accepter, et quand elle se montre, elle ne surprend pas; elle était déjà dans le fond de la pensée.

Page 274. - Un autre motif qui avait fait ajourner la solution relative aux animaux. Cette question touche à des préjugés longtemps enracinés et qu'il eût été imprudent de heurter de front, c'est pourquoi les Esprits ne l'ont pas fait. La question est engagée aujourd'hui, elle s'agite sur différents points, même en dehors du spiritisme; les incarnés y prennent part chacun selon ses idées personnelles; ces théories diverses sont discutées, examinées, une multitude de faits, comme, par exemple, celui qui fait le sujet de cet article, et qui eussent passés inaperçus, appellent aujourd'hui l'attention en raison

même des études préliminaires que l'on a faites; sans adopter telle ou telle opinion, on se familiarise avec l'idée d'un point de contact entre l'animal et l'homme, et lorsque viendra la solution définitive, dans quel sens qu'elle ait lieu, elle devra s'appuyer sur des arguments péremptoires qui ne laisseront la place à aucun doute; si l'idée est vraie, elle aura été pressentie; si elle est fautive, c'est qu'on aura trouvé quelque chose de plus logique à mettre à la place.

Vient ensuite une communication au sujet de la vision spirituelle des animaux. Elle se termine ainsi qu'il suit; «Enfin, la vision spirituelle qui leur est bien évidemment commune, quoique à des degrés très différents, vient aussi diminuer la distance qui semblait mettre entre eux une barrière infranchissable. *N'en concluez cependant rien encore d'une manière absolue, mais observez les faits attentivement, car de cette observation seule sortira un jour pour vous la vérité*».

Remarque: «Ce conseil est fort sage, car ce n'est évidemment que sur les faits qu'on peut asseoir une théorie solide; hors de cela, il n'y a que des opinions ou de systèmes. Les faits sont des

arguments sans réplique et dont il faut tôt ou tard accepter les conséquences quando ils sont constatés. C'est ce principe qui a servi de base à la doctrine spirite et c'est ce qui nous fait dire que c'est une science d'observation».

A ceci se borne tout ce que j'ai pu glaner dans les Revues sur le sujet qui nous occupe. Dans les ouvrages d'Allan Kardec la moisson a été plus abondante, les textes plus concluants.

Prenons d'abord *Le Spiritisme à sa plus simple expression*, page 15, n° 5: «L'origine et le mode de création des Esprits nous sont inconnus; nous savons seulement qu'ils sont créés simples et ignorants; c'est-à-dire sans science et sans connaissance du bien et du mal, mais avec une égale aptitude pour tous, car Dieu, dans sa justice, ne pouvait affranchir les uns du travail qu'il aurait imposé aux autres pour arriver à la perfection. Dans le principe, ils sont dans une sorte d'enfance, sans volonté propre, et sans conscience parfaite de leur existence».

Dans la *Profession de foi raisonné* publiée dans les Oeuvres posthumes d'Allan Kardec, page 34, n° 15, la déclaration ci-dessus se trouve

reproduite mot à mot, puis on lit au n° 16: «A mesure que l'Esprit s'éloigne du point de départ, les idées se développent en lui, comme chez l'enfant, et avec ses idées, le libre arbitre, c'est-à-dire la liberté de faire ou de ne pas faire, de suivre telle ou telle voie pour son avancement, ce qui est un des attributs de l'Esprit».

Dans *Qu'est-ce que le Spiritisme*, on lit page 157, n° 114: «Quel est l'état d'âme à son origine? Les âmes sont créées simples et ignorantes, c'est-à-dire sans science et

p. 199.

sans connaissance du bien et du mal, mais avec une égale aptitude pour tout. Dans le principe elles sont dans une sorte d'enfance, sans volonté propre et sans conscience parfaite de leur existence. Peu à peu, le libre arbitre se développe em même temps que les idées».

Daus le *Livre des Médiuns*, à propos de la Médiumnité chez les animaux, on lit, page 301: «Les hommes sont toujours portés à tout exagérer; le uns,

je parle ici des matérialistes, refusent une âme aux animaux, et d'autres leur en veulent donner une, pour ainsi dire, pareille à la nôtre. Pourquoi vouloir ainsi confondre le perfectible et l'imperfectible? Non, Non, soyez-en bien convaincus, le feu qui anime les bêtes, le souffle qui les fait agir, mouvoir et parler dans leur langage, n'a, quant à présent, aucune aptitude à se mêler, à s'unir, à se fondre avec le souffle divin, l'âme étherée, l'Esprit, en un mot, qui anime l'être essentiellement perfectible, l'homme ce roi de la création. Or, n'est-ce pas ce qui fait la supériorité de l'espèce humaine sur les autres espèces terrestres que cette condition essentielle de perfectibilité? Eh bien! Reconnaissez donc qu'on ne peut assimiler à l'homme, seul perfectible en lui-même et dans ses œuvres, aucun individu des races vivant sur la terre.»

Page 303. - «De ce progrès constant, invincible, irrécusable de l'espèce humanine, concluez avec moi que s'il existe des principes communs à ce qui vit et à ce qui se meut sur la terre, le souffle et la matière, il n'en est pas moins vrai que vous seuls, Esprits incarnés, vous êtes soumis à

cette inévitable loi du progrès, qui vous prouve fatalement en avant, toujours en avant. Dieu a mis les animaux à côté de vous comme des auxiliaires pour vous nourrir, vous vêtir, vous seconder. Il leur a donné une certaine dose d'intelligence, parce que, pour vous aider, il leur fallait vous comprendre, et il a proportionné leur intelligence aux services qu'ils sont appelés à vous rendre; mais dans sa sagesse il n'a pas voulu qu'ils fussent soumis à la loi du progrès; tels ils ont été créés, tels ils sont restés et resteront jusqu'à la fin de leurs races».

C'est l'Esprit Eraste qui s'exprime de la sorte, et sa réponse tout à fait catégorique ne laisse aucun doute: il repousse la parité qu'on voudrait établir entre l'âme humaine et celle des animaux.

Mais continuons nos recherches et ouvrons la *Genèse*, le dernier ouvrage publié, revu et corrigé par Allan Kardec; il doit nous donner au sujet de l'âme humaine la dernière pensée du Maître.

Page 230, n° 14: «Le corps n'est donc qu'une enveloppe destinée à recevoir l'Esprit; dès lors, peu importe son origine et les matériaux dont il est construit. Que le corps de l'homme soit une création

spéciale ou non, il n'en est pas moins formé des mêmes éléments que celui des animaux, animé du même principe vital, autrement dit chauffé par le même feu, comme il est éclairé par la même lumière, sujet aux mêmes besoins: c'est un point sur lequel il n'y a pas de contestation.

«A ne considérer que la matière et ne faisant abstraction de l'Esprit, *l'homme n'a donc rien qui le distingue de l'animal; mais tout change d'aspect si l'on fait une distinction entre l'habitation et l'habitant.*»

Page 231, n^o 15: «De la similitude des formes extérieures qui existent entre le corps de l'homme et celui du singe, certains physiologistes ont conclu que le premier n'était qu'une transformation du second. A cela il n'y a rien d'impossible, sans que, s'il en était ainsi, la dignité de l'homme ait à en souffrir. Des corps de singes ont très bien pu servir de vêtements aux premiers Esprits humains, nécessairement peu avancés, qui sont venus s'incarner sur la terre ; ces vêtements étaient les mieux appropriés à leurs besoins, et plus propres à l'exercice de leurs facultés que le corps d'aucun autre animal. Au lieu qu'un

vêtement spécial ait été d'défait pour l'Esprit, il en aura trouvé un tout fait. Il a donc pu se vêtir de la peau du singe, sans cessar d'être Esprit humain. Comme l'homme se revêt de la peau de certains animaux sans cessar d'être homme *«Il est bien entendu qu'il ne s'agit ici que d'une hypothèse qui n'est nullement posée em principe, mais donnée seulement pour montrer que l'origine du corps ne préjudicie pas à l'Esprit qui es l'être principal et que la similitude du corps de l'homme avec le corpus du singe n'implique pas la parité entre son Esprit e celui du Singe.*

Nº 16: «En admettant cette hypothèse, on peut dire que, sous l'influence et par l'effet de l'activité intellectuelle de son nouvel habitant, l'enveloppe s'est modifiée, embrillie dans les détails, tout en conversant la forme générale de l'ensemble. Les corps ameliorés en se procréant se sont reproduits dans les mêmes conditions, comme il en est des arbres greffés; ils ont donné naissance à une nouvelle espèce, qui s'est peu à peu éloignée du type primitif à mesure que l'Esprit a progressé. L'Esprit du singe qui n'a pas été anéanti, a continué

à procréer des corps de singe à son usage, comme le

p. 200

fruit humain a créé des corps d'homme variant du premier moule où il s'est é tabli. La source s'est bifurquée ; elle a produit un rejeton et ce rejeton est devenu souche. »

Comme il n'y a pas de transition brusque dans la nature, il est probable que les premiers hornmes qui ont paru sur la Terre ont dú peu différer du singe par la forrne extérieure et, sans doute, pas beaucoup non plus par l'intelligence. Il y a encore de nos jours des sauvages qui par la longueur des bras et des pieds, par la conformation de la tête ont tellement les allures du singe qu'il ne leur manque que d'être velus pour compléter la ressernblance ».

Page 236, n° 23 : «En prenant l'humanité à son degré le plus infime de l'échelle intellectuelle chez les sauvages les plus arriérés, on se demande si c'est le point de départ de l'âme humaine.

« Selon l'opinion de quelques philosophes

spiritualisés, le principe intelligent, distinct du principe matériel individualisé s'élabore en passant par les divers degrés de l'animalité ; c'est là que l'âme s'essaie à la vie et développe ses premières facultés par l'exercice. Arrivée au degré de développement que comporte cet état, elle reçoit les facultés spéciales qui constituent l'âme humaine. Il y aurait ainsi filiation spirituelle de l'animal à l'homme, comme il y a filiation corporelle.

«Ce système, fondé sur la grande loi qui préside à la création, répond, il faut en convenir, à la bonté du Créateur ; il donne une issue, un but, une destinée aux animaux qui ne sont plus des êtres déshérités, mais qui trouvent dans l'avenir qui leur est réservé une compensation à leurs souffrances. Ce qui constitue l'homme spirituel n'est pas son origine, mais les attributs spéciaux dont il est doué à son entrée, dans l'humanité, attributs qui le transforment et en font un être distinct de la racine amère d'où il est sorti. Pour avoir passé par la filière de l'animalité (1), l'homme n'en est pas moins homme ; il ne serait pas plus animal que le fruit n'est la racine, que le savant n'est l'informe fœtus par

lequel il a débuté dans le monde.

«Mais ce système soulève de nombreuses questions, dont il n'est pas opportun de discuter ici le pour et le contre, non plus que d'examiner les différentes hypothèses qui ont été faites à ce sujet. Sans donc rechercher l'origine de l'âme et les flières par lesquelles elle a dû passer, nous la prenons à son entrée dans l'humanité, au point où douée de sens moral et du libre arbitre elle commence à encourir la responsabilité de ses actes.»

Page 239, n° 29 : «Lorque la terre s'esl trouvée dans des conditions climatériques propres à l'existence de l'espèce humaine, des Esprits humains s'y sont incarnés.

D'où venaient-ils ? Que ces Esprits aient été créés à ce moment-là, qu'ils soient venus tout fornés de la terre, de l'espace ou d'autres mondes, leur présence depuis un temps limité est un fait, puisque avant eux, il n'y avait que des animaux; ils se sont revêtus de corps appropriés à leurs besoins physiques et qui, physiologiquement, appartenaient à l'animalité ; sous leur influence et par l'exercice de leurs facultés, ces corps se sont modifiés et

perfectionnés ; voilà ce qui résulte de l'observation. *Laissons donc de côté la question. d'origine encore insoluble pour le moment (2) ; prenons l'Esprit non à son point de départ, mais à celui où les premiers germes du libre arbitre et du sens moral se manifestant en lui, nous le voyons jouer son rôle humanitaire, sans nous inquiéter du milieu où il a passé sa période d'enfance, ou, si l'on veut, d'incubation. Malgré l'analogie de son enveloppe avec celle des animaux, aux facultés intellectuelles et morales qui le caractérisent, nous saurons le distinguer de ces derniers, comme sous le même vêtement de bure nous distinguons le rustre de l'homme policé "*.

Dans son dernier ouvrage, *La Genèse*, Allan Kardec n'a fait que confirmer et accentuer la manière de voir de la Doctrine au sujet de l'origine des Esprits : *Question encore insoluble*. Voyons maintenant et pour terminer comment elle a été traitée dans le *Livre des Esprits*, qui devrait être le nouvel évangile de tous les Spiritistes et régler, en tout, leurs sentiments et leur conduite, attendu que nul ne l'a encore trouvé en défaut ; bien qu'il y ait plus de

soixante ans qu'il a été publié, il est encore le Guide le plus sûr et le plus clair pour l'étude des enseignements de la Doutrine ; avec *le Livre des Médium*, il a été dicté et contrôlé par les Esprits élevés, qui ont présidé à l'éclo-

(1) Dans la 7^a édition de *La Genèse*, page 236, je lis : «Dans la filière de l'humanité». C'est une erreur: il faut lire; «dans la filière de l'animalité». C'est ainsi, du reste, que le porte la 1^{re} édition, page 231.

(2) Je souligne ce passage d'autant plus intéressante qu'il a été ajouté au texte de 1^a édition, page 234.

p. 201

sion du mouvement spirite et dirigé à ses débuts, avec tant d'autorité, la marche en avant de notre philosophie.

Pour arriver à une solution de l'origine des âmes, ouvrons donc *le Livre des Esprits*, qui n'est lui-même qu'une émanation des Esprits supérieurs, qui

sont venus nous révéler l' Au-delà.

Page 34, N° 78: «Les Esprits ont-ils eu un commencement, ou bien sont-ils comme Dieu de toute éternité ?»

«Si les Esprits n'avaient point eu de commencement ils seraient les égaux de Dieu. Tandis qu'ils ne sont que sa création et soumis à sa volonté, Dieu est de toute éternité, cela est incontestable ; *mais savoir quand et comment il nous a créés, nous n'en savons rien.* Tu peux dire que nous sommes sans commencement, si tu entends par là que Dieu étant éternel, il a dû créer sans relâche ; mais quand et comment chacun de nous a-t-il été fait. *Je te le dis encore, nul ne le sait, c'est là qu'est le mystère*».

N° 81 : «Les Esprits se forment-ils spontanément, ou bien procèdent-ils les uns des autres ? Dieu les crée, comme toutes les autres créatures, par sa volonté ; *mais encore une fois leur origine est un mystère*».

Page 50: «Dieu crée tous les Esprits simples et ignorants, c'est-à-dire sans science : il leur a donné à chacun une mission dans lo but de les éclairer et de

les faire arriver progressivement à la perfection par la connaissance de la vérité et pour les rapprocher de lui. Le bonheur éternel est pour eux sans mélange, il est pour eux dans cette perfection».

Page 96: A propos de la réincarnation il est dit : «L'antiquité de cette doctrine serait donc plus une preuve qu'une objection. Toutefois, comme on le sait également; il y a entre la métempsychose des anciens et la doctrine de la réincarnation, cette grande différence que les *Esprits rejettent de la manière la plus absolue la transmigration. de l'homme dans les animaux et réciproquement*».

Arrivons à la page 253. *Les animaux et l'homme*, n° 592 : «Si nous comparons l'homme et les animaux sous le rapport de l'intelligence, la ligne de démarcation semble difficile à établir, car certains animaux ont, sous ce rapport, une supériorité notoire sur certains hommes. Cette ligne de démarcation peut-elle être établie d'une manière précise?

«Sur ce point les philosophes ne sont guère d'accord ; les uns veulent que l'homme soit un animal et d'autres que l'animal soit un homme. Ils *ont tous tort*, l'homme est un être à part qui s'abîme

quelquefois bien bas, ou qui peut s'élever bien haut. Au physique, l'homme est comme les animaux, et moins bien pourvu que beaucoup d'entre eux ; la nature leur a donné ce que l'homme est obligé d'inventer avec son intelligence pour ses besoins et sa conservation ; son corps se détruit comme celui des animaux, c'est vrai, mais son Esprit a une destinée que lui seul peut comprendre, parce que, seul, il est complètement libre. Pauvres hommes qui vous abaissez au-dessous de la brute, ne savez-vous pas vous en distinguer ? Reconnaissez l'homme à la pensée de Dieu».

Page 256, n° 597. «Puisque les animaux ont une intelligence qui leur donne une certaine liberté d'action, y a-t-il en eux un principe indépendant de la matière?»

«Oui, et qui survit au corps.»

«Ce principe est-il une âme semblable à celle de l'homme?»

«C'est une âme aussi, si vous le voulez, cela dépend du sens qu'on attache à ce mot, mais elle est inférieure à celle de l'homme. Il y a entre l'âme des

animaux et celle de l'homme autant de distance qu'entre l'âme de l'homme et Dieu.»

N^o 598: «L'âme des animaux conserve-t-elle son individualité après la Mort et la conscience d'elle-même?

«Son individualité, oui, mais non la conscience de son moi. La vie intelligente reste à l'état latent.»

N^o 599: «L'âme des bêtes a-t-elle le choix de se réincarner dans un animal plutôt que dans un autre ?»

" Non, elle n'a pas le libre arbitre.»

N^o 607 : «Il a été dit que l'âme de l'homme, à son origine, est à l'état d'enfance à la vie corporelle, que son intelligence éclot à peine et qu'elle s'essaye à la vie ; où l'Esprit accomplit-il cette première phase ?»

«Dans une série d'existences qui précède la période que vous appelez l'humanité.»

«L'âme semblerait ainsi avoir été le principe intelligent des êtres inférieurs de la création ?»

«N'avons-nous pas que tout s'enchaîne dans la marche de la Nature et tend à l'unité? C'est dans ces êtres que vous êtes loin de tous connaître que le principe intel-

p. 202

ligent s'élabore, s'individualise peu à peu et s'essaye à la vie comme nous l'avons dit. C'est en quelque sorte un travail préparatoire comme celui de la germination, à la suite duquel le principe intelligent subit une transformation et devient Esprit. C'est alors que commence pour lui la période de l'humanité, et avec elle la conscience de son avenir, la distinction du bien et du mal, la responsabilité de ses actes ; comme après la période de l'enfance vient celle de l'adolescence, puis la jeunesse et enfin l'âge mûr.

«Il n'y a, du reste, rien dans cette origine qui doive humilier l'homme. Les grands génies sont-ils humiliés pour avoir été d'informes fœtus dans le sein de leur mère? Si quelque chose doit humilier l'homme, c'est son infériorité devant Dieu, et son

impuissance à sonder la profondeur de ses desseins et la sagesse des lois qui régulent l'harmonie de l'univers».

«Reconnaissez la grandeur de Dieu à cette admirable harmonie qui fait que tout est solidaire dans la nature. Croire que Dieu aurait pu faire quelque chose sans but et créer des êtres intelligents sans avenir, serait blasphémer sa bonté qui s'étend sur toutes les créatures».

«Cette période de l'humanité commence-t-elle sur notre terre?

«La terre n'est pas le point de départ de la première incarnation humaine. La période de l'humanité commence, en général, dans des mondes encore plus inférieurs : ceci n'est pas une règle absolue et il pourrait arriver qu'un Esprit, dès son début humain, fût apte à vivre sur la terre, mais ce cas n'est pas fréquent, ce serait plutôt une exception»,

Livre des Esprits. Page 261, n° 608. «L'Esprit de l'homme, après la mort, a-t-il la conscience des existences qui ont précédé pour lui la période de

l'humanité ?»

«Non, car ce n'est que de cette période que commence pour lui sa vie d'Esprit, et c'est à peine s'il se souvient de ses premières existences comme homme, absolument comme l'homme ne se souvient plus des premiers temps de son enfance et encore moins du temps qu'il a passé dans le sein de sa mère. *C'est pourquoi les Esprits vous disent qu'ils ne savent comment ils ont commencé.*»

Si los Esprits sérieux et élevés ne savent pas comment ils ont commencé, comment les autres pourraient-ils nous le dire sûrement? et quel crédit pouvons-nous accorder à leurs affirmations sans preuves?

Voici, pour terminer, les réflexions que formule Allan Kardec, pages 263 et 264.

Le point de départ de l'Esprit est une de ces questions qui tiennent au principe des choses et sont le secret de Dieu. Il n'est pas donné à l'homme de les connaître d'une manière absolue, et il ne peut faire, à cet égard, que des suppositions, bâtir des systèmes plus ou moins probables. Les Esprits aux-

mêmes sont bien loin de tout connaître; sur ce qu'ils ne savent pas ils peuvent avoir aussi des opinions personnelles plus ou moins sensées.

C'est ainsi, par exemple, que tous ne pensent pas de même au sujet des rapports qui existent entre l'homme et les animaux. Selon quelques-uns, l'Esprit n'arrive à la période humaine qu'après s'être élaboré et individualisé dans les différents degrés des êtres inférieurs de la création. Selon d'autres, l'Esprit de l'homme aurait toujours appartenu à la race humaine, sans passer par la filière animale. Le premier de ces systèmes a l'avantage de donner un but à l'avenir des animaux qui formeraient ainsi les premiers anneaux de la chaîne des êtres pensants; le second est plus conforme à la dignité de l'homme et peut se résumer ainsi qu'il suit:

Pages 263: «Au point de vue physique, il forme évidemment un anneau de la chaîne des êtres vivants, mais au point de vue moral, entre l'animal et l'homme, il y a solution de continuité ; l'homme possède en propre l'âme ou Esprit, étincelle divine qui donne le sens moral et une portée intellectuelle qui manque aux animaux; c'est en lui l'être principal

préexistant et survivant au corps en conservant son individualité. *Quelle est l'origine de l'Esprit? où est son point de départ? se forme-t-il du principe intelligent individualisé?* C'EST LA UN MYSTÈRE QU'IL SERAIT INUTILE DE CHERCHER A PÉNÉTRER ET SUR LEQUEL, COMME NOUS L'AVONS DIT, ON NE PEUT BATIR QUE DES SYSTÈMES.

Page 264: «Ce qui est constant, et ce qui ressort à la fois du raisonnement et de l'expérience c'est la survivance de l'Esprit, la conservation de son individualité après la Mort, sa faculté progressivo, son état heureux ou malheureux proportionné à son avancement dans la voie du bien et toutes les vérités morales qui sont la conséquence de ce principe. Quant aux rapports mystérieux qui existent entre l'homme et les animaux, C'EST, NOUS LE RÉPÉTONS, LE SECRET DE DIEU, comme beaucoup d'autres choses

p. 203

dont la connaissance actuelle n'importe point à notre avancement, et sur lesquelles il serait inutile

de s'appesantir».

Voilà aussi impartialement que possible tout ce que j'ai pu relever dans l'œuvre d'Allan Kardec au sujet des origines de l'âme. A mon avis la pensée qui s'en dégage est que nous ne connaissons pas le point de départ de l'Esprit humain et qu'il y a entre lui et les animaux une solution de continuité que l'anthropopithèque de M. Gabriel Mortillet n'a pas réussi à combler.

Laissons ce principe à la théosophie, et pour nous spirites, avant de croire au passage direct de l'animal à l'homme, attendons qu'on nous en fournisse des preuves irrécusables. Il y a entre les deux des étapes qui nous sont inconnues et sur lesquelles, comme le réitère Allan Kardec, on ne peut bâtir que des systèmes plus ou moins fantaisistes; or, affirmer n'est pas prouver, et ce ne doit être que sur des preuves irrécusables que nous devons baser nos convictions.

Au sujet des communications qui nous apportent de nouvelles révélations concernant la Doctrine et viennent contredire les enseignements d'Allan Kardec et les principes du Spiritisme,

gardons-nous d'une crédulité non justifiée.

Avant la publication de toute œuvre médianimique leurs auteurs agiraient sagement en méditant, dans la *Revue Spirite* de 1860, page 220 et suivantes sur les conseils donnés à cet effet dans l'article « Remarque générale ». Ils pourraient aussi méditer avec fruits les sages conseils de la *Revue Spirite*, année 1863, pages 75 et 158; ils trouveraient là un guide sûr concernant ce qui peut, dans les communications être public et ce qui ne doit pas l'être, n'ayant d'intérêt que pour celui qui en est l'auteur.

Pour terminer cette étude, empruntons encore à Allan Kardec le passage suivant des *Œuvres posthumes*. Page 396.

«S'il est vrai que l'utopie de la veille soit souvent la vérité du lendemain, laissons au lendemain le soin de réaliser l'utopie de la veille, mais n'embarrassons pas la Doctrine de principes qui seraient des chimères et la feraient rejeter par des hommes positifs.»

Referência bibliográfica

SAUSSE, H. A *La Rechercher des Origines de l'Alme Humanie*. in. Compte Rendu - Congrès Spirite Internacional, p. 196-204.

MEYER, J. *COMPTE RENDU - Congrès Spirite Internacional (Réuni à Paris du 6 au 13 Setembre 1925)*. (PDF) Paris: Édition Jean Meyer (B. P. S.), 1927, disponível em:

<https://www.autoresespiritasclassicos.com/Leon%20Denis%20Livros/Leon%20Denis%20-%20Congresso%20Esp%C3%Adrita%20Internacional%20de%20Paris%20em%201925/1925%20Paris%20Congr%C3%A8s%20Spirite%20International.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

Foto Henri Sausse:

<https://autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Henri%20Sausse/henrisausse.jpg>. Acesso em: 07 nov. 2021.